

Ensino médio e vestibular

DOM LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO

Uma notícia, relativa à educação, trazida pelos jornais, inquieta e alarma. Se a ameaça vier a ocorrer, será, a meu ver, o fim ou, melhor, a liquidação de nosso já tão combalido ensino médio. Vai esvaziá-lo do que tem de mais próprio e mais fundamental, que é o apoio ao adolescente para a sua plenificação humana, como pessoa livre. Trata-se da universalização do chamado sistema de avaliação progressiva para o acesso ao ensino superior. Isso significa a substituição do vestibular atual por seis exames — seis vestibulares — dois em cada série, a partir da primeira do curso.

Já se tem falado em suprimir o vestibular, o que, em princípio, seria até benéfico, se as escolas do nível superior gozassem de verdadeira autonomia, para avaliar e receber os candidatos segundo sua procedência ou antecedentes escolares, podendo, portanto, por exemplo, receber o que vem do colégio X e não receber o que procede de Y, isso, porém, no Brasil de hoje daria mandado de segurança na certa, contra discriminação tão odiosa. Diante disso, o vestibular, ainda que seja um mal, é, por enquanto, um mal necessário. O que se pretende, porém, com o novo processo não é suprimir o vestibular, mas multiplicá-lo, aplicando-o, num fracionamento homeopático — *similia similibus curantur* — com a presunção de sanar a atmosfera da neurose, que se repete em cada fim de ano. Será realmente remédio? Se continuar a existir com vagas para mil candidatos, não continuarão 900 sem escola? Na verdade, a angústia ante o vestibular vem muito mais do fato de o candidato, mal preparado, colocar-se diante dele, como se fora um jogo de azar, no qual procura a sorte. Na verdade, não se trata de um jogo de sorte. O resultado do vestibular não é tão aleatório assim, nem tão falso: numa turma que cursa regularmente um 3º ano, pode-se prever, sem grande margem de erro, quem passará em primeira opção, quem dificilmente conseguirá a segunda e quem não vai passar. O que precisa ser sanado é o ensino. E a isso não se vai chegar tão cedo, se se pretender acordar o Brasil com a distribuição de cem mil computadores e não sei quantos mil caixotes de parâmetros pelo Brasil afora. O que nos falta para um bom ensino é, sobretudo, seriedade e simplicidade. Simplicidade, sobretudo, pois o pedantismo metodológico e o encantamento novidadeiro são as grandes doenças. Precisamos mais de cartilhas que de computadores. Isso, porém, já é outra conversa.

O nosso problema, no momento, é outro. Ou não será outro? Será que não se está querendo repetir o Discurso do Método: um caminho de chegar à universidade, mesmo sem ter precisado aprender?

Sei que é a gente amiga que está sendo atribuída a iniciativa da resolução. Não tenho título para aplicar-me dito aristotélico — *Plato amicus, magis amica veritas*, mas está dentro dos meus limites invocar o dever de lealdade amiga, para dizer francamente que o plano matará, por completo, o ensino médio. Ele perderá toda a sua vitalidade, toda a força formadora de gente, para tornar-se, na expressão usada por Francisco Campos, há 66 anos, uma simples "chancelaria de exames".

Ensino médio é mais que isso. Não só não pode ser reduzido a preparação de provas, nem pode ter como finalidade única ou precípua o acesso ao ensino superior. É a educação do adolescente. O próprio verbo *adolescere* latino — tem, como participio, adulto, aquele que cresceu ou plenificou-se. De resto o curso superior requer mais que um homem adestrado; requer maturidade humana.

Transformar a formação do adolescente numa série de preparações de provas será, no máximo, fazer dele um banco de dados, não um ser que pensa.

E o pobre professor, submetido à tarefa de trabalhar sebtas, será mais um treinador, um exercitador que um mestre. Transfere dados, mas não desperta saber. Menos ainda abre o olhar para a sabedoria.

Calha bem concluir estas nossas ponderações, citando mais longamente as palavras que Francisco Campos escreveu, há 66 anos, mas parece estar escrevendo em novembro de 1997:

"O ensino secundário tem sido considerado como um simples instrumento de candidatos ao ensino superior, desprezando-se assim a sua função eminentemente educativa que consiste, precisamente, no desenvolvimento das faculdades de apreciação, de juízo e de critério, essenciais a todos os ramos da atividade humana... assim o ensino secundário... perdeu as suas características próprias e específicas... passando a ser de finalidade exclusivamente utilitária, despido de finalidade interna, fundamentalmente educativa. A última fase desse processo de degeneração do ensino secundário... o transformou em mera chancelaria de exames."

Transformou? Pergunto eu: Não. Transformaria. Pois espero que o mal não aconteça.

DOM LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO é reitor do Colégio de São Bento.